

## CAPÍTULO UM

Matthew Denison pensou que havia muitas probabilidades de se vir a sentir nauseado. A última vez que vira uma vítima de homicídio fora na morgue durante a licenciatura em medicina, e mesmo nessa altura tivera de fazer um esforço para não desmaiar vergonhosamente no chão da sala de autópsias. Já estava a transpirar e enervado e ainda nem sequer chegara à cena do crime. O que faria se ao ver o corpo sentisse vontade de largar carga ao mar? A ideia de vomitar por cima das provas levou-o a soltar um gemido.

O Inspector Chefe Stephen Weathers, sentado ao volante, lançou-lhe um olhar de relance. — Tudo bem contigo, Matt? Sabes que não precisas de vir.

Denison baixou o vidro da janela para apanhar um pouco de ar. — Devemos aproveitar o facto de ter calhado eu aqui estar.

— Esta morte... não sabemos se está relacionada — disse Weathers. Ligou o rádio. Denison permaneceu calado: ambos sabiam que um crime em Ariel College apenas podia significar uma coisa.

O DJ da estação local de Cambridge começara já a comentar o crime, apesar de o próprio Weathers ter acabado de receber a chamada e de a noite ir adiantada. Denison compreendeu de súbito que, muito naturalmente, haveria jornalistas no College<sup>1</sup>, e começou a endireitar a gravata, passando a mão trémula pelo cabelo.

Quando se aproximaram, avistaram por cima dos telhados das casas e das lojas as familiares agulhas gémeas da capela de Ariel. Contornaram uma esquina e a capela surgiu-lhes em todo o seu esplendor gó-

---

<sup>1</sup> Cambridge, tal como outras universidades inglesas, é constituída por diversos Colleges, que são instituições com total autonomia financeira e de gestão. Todos os estudantes são membros de um determinado College, aí vivendo durante o tempo em que frequentam a universidade, e aí lhes sendo realizadas as supervisões inerentes ao curso escolhido. (NT)

tico. Denison pestanejou ao ver que esta parecia irradiar um brilho rosa-choque.

Mesmo do extremo mais afastado da rua conseguiam ver o amontoado de carrinhas e automóveis, homens e mulheres empunhando microfones, câmaras e blocos. Nos tectos de três carros panda<sup>2</sup> cintilavam luzes azuis, embora as sirenes se conservassem mudas.

Weathers estacionou o mais perto possível do portão de Ariel e prosseguiram a pé através da horda de repórteres e de uma tempestade de relâmpagos dos *flashes* das câmaras. Denison seguia de cabeça baixa, mas a dada altura ajeitou os óculos, constrangido, apercebendo-se com certo embaraço de que esse gesto se destinava a tornar óbvio que não ia algemado, não fosse algum dos repórteres ficar com uma impressão errada sobre o facto de ele acompanhar um detective de investigação criminal. Em tempos, escrevera um ensaio sobre o facto de a paranóia ser contagiosa, e nesse momento perguntou-se se não andaria a passar demasiado tempo com os seus doentes.

Um sargento escoltou-os através da pequena porta inserida no portão de madeira da entrada. Do outro lado foram acolhidos pela visão de centenas de estudantes de vestidos de noite e *smokings*, amontoados em grupos. Havia alguns sentados na relva, com ar desanimado. Muitas raparigas tinham os casacos dos namorados por cima dos vestidos feéricos, e algumas estavam embrulhadas em mantas fornecidas pela polícia. Conversavam em voz abafada, mas o seu tom não denotava excitação. Os rostos mostravam-se tensos, a tez pálida sob os bronzeados. Uma rapariga ergueu para Denison uns olhos que se assemelhavam a manchas de fuligem nas suas órbitas.

— Celebravam esta noite o Baile de Maio — elucidou o sargento em voz baixa. — É por isso que a capela está iluminada como uma árvore de Natal e há um castelo de inflar no relvado da frente.

— Eles sabem do crime? — perguntou Weathers enquanto passavam pelos estudantes que, na escuridão, pareciam fantasmas cinzentos num campo de batalha.

---

<sup>2</sup> Termo por que são designados os carros, pequenos ou médios, usados pela polícia britânica nas rondas normais. A designação surgiu por os primeiros veículos serem pintados com largos painéis pretos e brancos. (NT)

— Não sabem quem foi morto, mas estão cientes de que houve outro homicídio.

Transpuseram um arco, debaixo da biblioteca do College, e entraram em Carriwell Court. Sob os seus pés o cascalho rangia. As lanternas chinesas irradiavam cor para as sombras. Viam-se ali mais polícias, mas apenas dois estudantes, um rapaz e uma rapariga, que falavam com agentes em lados opostos do pátio.

Denison inspirou profundamente o tépido ar nocturno antes de seguir Weathers e o sargento para lá da porta e pelos degraus de pedra acima. Ouvia vozes, e ao chegarem ao topo da escadaria sentiu o cheiro desagradável: um estranho odor a cobre, combinado com amónia e o fedor de vomitado.

Deteve-se, agarrando com força o corrimão de madeira. *Há meia hora estávamos a tomar uma cerveja*, pensou ele. *Que raio faço eu aqui?*

Weathers virou-se para trás. — Sabes que não tens de fazer isto, Matt — insistiu ele.

Denison tentou encolher os ombros. Sentia a boca seca. — Quero ajudar.

Weathers anuiu. Não disse mais nada, mas deu meia-volta e deixou Denison segui-lo para um quarto a fervilhar de gente.

Havia um jovem de *smoking*, com sangue, e Deus sabia que mais nas mãos e nas calças. Tinha a camisa branca toda manchada. — Estava a tentar metê-los para dentro — repetia ele para uma mulher-polícia. — Estava só a tentar metê-los para dentro.

Noutro canto, encontrava-se uma rapariga em posição fetal, coberta de sangue que lhe conferia um tom vermelho-vivo. À primeira vista, Denison pensou que ela estava nua, mas depois percebeu que o sutiã e as cuecas se achavam ensopados no sangue. Um paramédico esforçava-se por lhe dirigir a luz de uma lanterna para os olhos. Instintivamente, Denison aproximou-se para ver se podia ajudar. A rapariga balouçava-se no mesmo sítio, os olhos vazios, as pupilas imensas e negras, rodeadas apenas por uma finíssima linha de íris. Movia os lábios mas não emitia qualquer som.

— Está ferida? — perguntou ele ao paramédico.

O paramédico abanou a cabeça. — Tanto quanto sei, não. Pelo menos fisicamente. O sangue não parece ser dela.

— Jesus Cristo — Denison ouviu a exclamação de Weathers. Ergueu-se e quando os paramédicos, os agentes da polícia e os patologistas mudaram de posição, viu, por entre e para além deles, o corpo esventrado que jazia no chão numa poça de sangue, com os braços e as pernas estendidos, e as entranhas puxadas para fora e esparramadas pelo soalho.